

# No mundo há muitas cabeças pensantes

Foto: Divulgação

Um romance do paranaense Miguel Sanches Neto (**foto**), *A máquina de madeira*, conta a história verídica do padre paraibano Francisco João de Azevedo (1814-1880), que criou a máquina de escrever alguns anos antes da americana Remington, fabricante de armas, lançar o mesmo equipamento em 1874.

Sanches Neto, um escritor sério, disciplinado, reconhecido em todo o Brasil, fez pesquisas durante anos para *A máquina de madeira*, chegando a viajar para o Rio de Janeiro, Recife e João Pessoa, em busca de dados sobre o padre Azevedo e sua invenção.

Em seu livro, fez entrar em cena um país que não conseguir ser contemporâneo de suas melhores mentes e que, com isso, acaba ultrapassado.



A invenção do padre Azevedo foi levada clandestinamente aos Estados Unidos por um comerciante americano, em visita ao Brasil. A Remington terminou industrializando a



máquina de escrever como invenção sua, enquanto o nome do padre era apagado.

Entre a fé, a ciência, o amor e o dever, o padre paraibano foi a vanguarda de uma nova mentalidade, no século 19. Entretanto, o Brasil tinha – e continua a ter em pleno século 21 – a vocação, o prazer de ser colônia (pois, ainda ela somos). O Brasil do livro de Sanches Neto já era o mesmo de hoje, no horrível descompasso que, por exemplo, uma Coreia do Sul ou uma Finlândia jamais teriam: as velhas tradições nacionais e nunca nacionalistas barrando ideias progressistas.

Ao saber do livro de Sanches Neto, que ele assume também como um réquiem à

máquina de escrever, fiquei emocionado porque foi com uma Remington herdada de meu pai, que datilografei meus primeiros trabalhos. A, s, d, f, g... Quanta riqueza trazida para o teclado do computador.



Imediatamente, lembrei também de meu amigo inventor paraibano, Reginaldo Marinho, que – hoje morando em Lençóis, na Bahia – luta contra as velhas tradições para levar à frente seu Construcel, método de construção com módulos fabricados de resina.

Que os poderes de hoje não repitam o feito com o padre Azevedo em 1861: o invento de Reginaldo não foi levado a uma exposição em Londres por “falta de espaço”.

Em tempo: a rede de educação na Paraíba – escolas públicas e privadas – mostra aos alunos quem foi o padre Azevedo?



Não existe nenhum programa que apoie de fato o inventor independente com recursos para que ele realize um estudo de viabilidade técnica e econômica de seu projeto e desenvolvimento de um protótipo físico.

Na maioria das vezes, os programas

de apoio são voltados para empresas, pessoas jurídicas com CNPJ. Como se o foco devesse estar em empresas, e não na inovação e qualidade do projeto de que se está falando, que pode movimentar muito dinheiro.

Mais de 60% de tudo o que foi inventado ou aperfeiçoado no mundo até hoje foi a partir de inventores autônomos. No Brasil, não há a preocupação com uma boa ideia vinda de anônimos, pessoas físicas. Se a pessoa não estiver conveniada a um centro de pesquisa, universidade ou pessoa jurídica, não receberá um centavo e terá de trilhar um caminho solitário e demorado até encontrar um parceiro para seu projeto.

O empresário brasileiro tem perfil conservador, gosta de retorno a curto e médio prazo, e está com pouco capital de risco para investir. Uma nova ideia requer investimento em maquinário, desenvolvimento de modelos do produto, planejamento de marketing, etc. Isso faz a empresa sair do roteiro planejado, podendo levar alguns anos até que, de fato, o produto seja lançado no mercado e traga o retorno desejado.

Há empresas cuja política não admite a entrada de ideias vindas de fora, por já possuírem departamentos de pesquisa e desenvolvimento de novos produtos em sua estrutura. Outras, porém, estão começando a se adaptar ao que vem sendo chamado de “open innovation”, que é a possibilidade de a empresa trazer inovação e aumentar seus lucros com base em ideias oriundas de fora, aceitando que no mundo tem muitas cabeças pensantes e que ideias surgem a todo momento dentro ou fora dessas organizações.